

A photograph of a marble sculpture of a woman's torso and head. The sculpture is shown from the side, with the head tilted back and to the right. The torso is visible, showing the breasts and upper abdomen. The background is a plain, light-colored wall. An orange semi-transparent rectangle is overlaid on the right side of the image, containing text.

καιρός | kairós

Boletim do Centro de Estudos em
Arqueologia, Artes e Ciências do
Património

N.º 1 - Primavera de 2019

CEAACP - UC/CAM/UALG

FICHA TÉCNICA

Título καιρός | kairós. Boletim do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património | N.º 1, Primavera de 2019

Editores do volume J. Alves-Ferreira | L. Bacelar Alves | S. Gomes

Autores A. Tomé | C. A. Gonçalves | C. T. Garcia | D. Baptista | L. B. Alves | M. C. Lopes | M. J. Valente | M. L. Craveiro | M. R. Costa | P. D. Telles | S. Gómez-Martínez

Imagem de capa João de Ruão, Medalhão da Fortuna (detalhe), séc. XVI, Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC811). © Olybrius [CC BYSA 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/bysa/4.0/>)]

Edição CEAACP

ISSN

Suporte Digital | **Formato** PDF

Contactos ceaacp@uc.pt

Financiamento



Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património



Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



Coimbra/Mértola/Faro, Primavera 2019

ÍNDICE

EDITORIAL	1
ARQUIVOS DA TERRA	
Dissolução Conservação [a arte megalítica da Beira Alta]	4
Muçulmanos e Cristãos em Cacela Medieval: território e identidades em mudança	10
A tabuinha numérica de Kani Shaie, Curdistão Iraquiano	16
TERRITÓRIOS DA ARTE	
João de Ruão	22
Retratos em miniatura não são (apenas) pequenos retratos	28
Teatro anatómico. 2015 [dos níveis de teatralidade anatómica] ...	34
TRAÇOS DAS HERANÇAS	
Arquitetura e paisagem de montanha no Mediterrâneo Ocidental: O Atlas e o Rif em Marrocos	42
MERTOLATER. Mértola e o seu território: povoamento e cultura material	50
Pelo pé colossal de <i>Pax Iulia</i>	56



Teatro anatómico. 2015

[dos níveis de teatralidade anatómica]

Carla Alexandra Gonçalves | CEAACP/FCT/UCoimbra

Compreender os mistérios da grande máquina corporal é uma exigência humana, presa com a sua própria condição que demanda no sentido de aferir sobre o que ela é, nas suas potencialidades e extensões físicas e mentais, sobre o que ela quer, sobre como se relaciona com a natureza e como se desfeca.

A consciência da finitude do corpo levou o Homem aos seus tantos devaneios e práticas. Assim nasceu a filosofia, assim nasceu a arte, assim nasceram as tantas religiões que explicam o lugar que o Homem deve ocupar agora, e que ocupará depois, com ou sem corpo, após o seu irremediável sumiço da territorialidade dos vivos, e assim nasceu a ciência, estabelecendo os lugares correctos de cada corpo por dentro, dos corpos animados, físicos, químicos, comportados e relacionais, dos corpos mortos e do corpo universal. Assim nasceu a cultura, a filha maior de todos os corpos.

Sou porque vivo e sou agora, neste imenso palco anatómico.
Sou porque me mobilizo num cenário que pulsa. Sou,
porquanto estou, fazendo. Sou porque me enredo e porque
escolho e me acerto. Sou porque me vejo e sinto.

Sou porque te encontro e tenho. Sou enquanto corpo e sou
na relação contigo.

Enquanto somos e estamos nos constituímos como um espesso Teatro Anatómico impulsionante e contraditório e imprevisível. Dentro da vida, tida como um sistema impactante que impõe acção, compreendemos que o corpo, esta entidade anatómica vivente, nos permite realizar, agindo no palco que ele próprio funda constantemente. E este é o primeiro nível da teatralidade anatómica: a teatralidade do

corpo vivente (o corpo-carne viva em relação) com suas obras e virtudes, suas venturas, hábitos, emoções, suplícios, anátemas, jogos, impugnações, criações, desejos, medos e defeitos. O primeiro nível do Teatro Anatómico estabelece-se na acção dos corpos-função que agem no mundo e que o enformam, alterando-o, admitindo-o na sua objectividade que se recria a par da própria existência mundanal e oferecendo-lhe renovados sentidos que possibilitam o andamento do mundo enquanto estrutura vivente. É este o primeiro nível dos corpos-máquina que se descobrem, paulatinamente, a partir do momento em que se abriam para saber-se. Começa no corpo vivo a sua morte que se explorará sem pudor, através das veias e das vísceras que o tornarão público objecto de saberes e de mudanças.

Afastamo-nos da existência quando o corpo se imobiliza, deixando de responder ao que lhe solicitamos, quando nos impossibilita a relação com a realidade, ou quando deixamos de ser corpo, essa substância anatómica fabriqueira que marca o mundo, cravando-se.

Mas nesse instante que anterioriza a última respiração da
carne

nos morremos

continuando, ainda assim, a ficar corpo.

Um corpo anquilosado, um corpo crepuscular, um corpo dorido em cúmulo de perecimento e em quase-fim, um corpo ainda feito que se desfaz, um corpo disfuncional, sozinho dentro da pele, um murmúrio, ou um corpo presente, ainda molecular, um corpo-fragmento, mas instrumento, ou ainda acção em desfechos tépidos.

O corpo depreciado e quase-fim serve aos projectos de outros corpos. Nessa circunstância, o corpo constituir-se-á como uma instância que vence a sua caducidade, estabelecendo-se como um corpo-instrumento, permeabilizando-se à revida, e inscrevendo-se no que pode estabelecer-se como o segundo nível do teatro anatómico: abro o meu corpo em desuso para servir o teu, dando-me em cada fragmento que (se) perpetuará na tua vida.

Deixo de ser

ou serei, sendo-te.

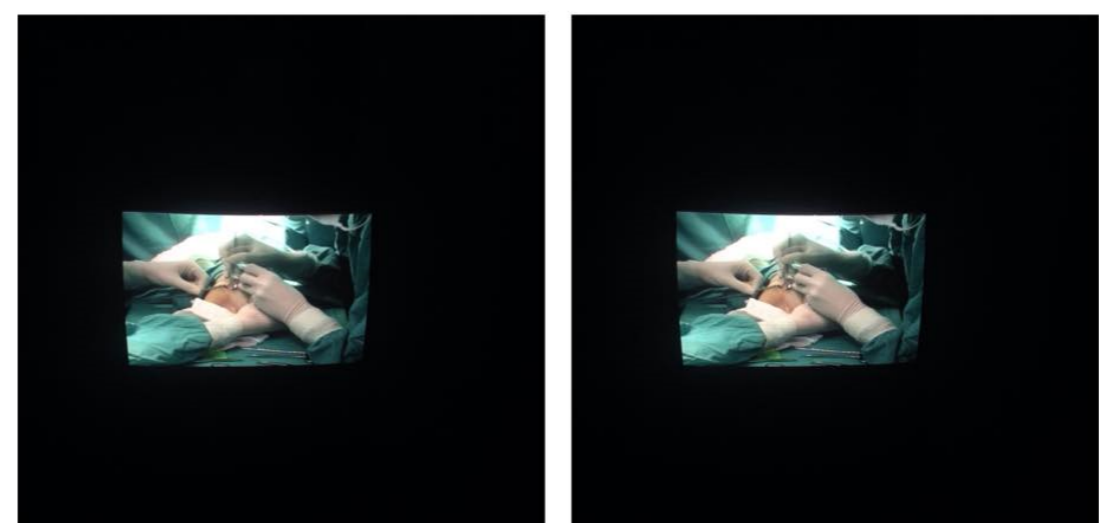
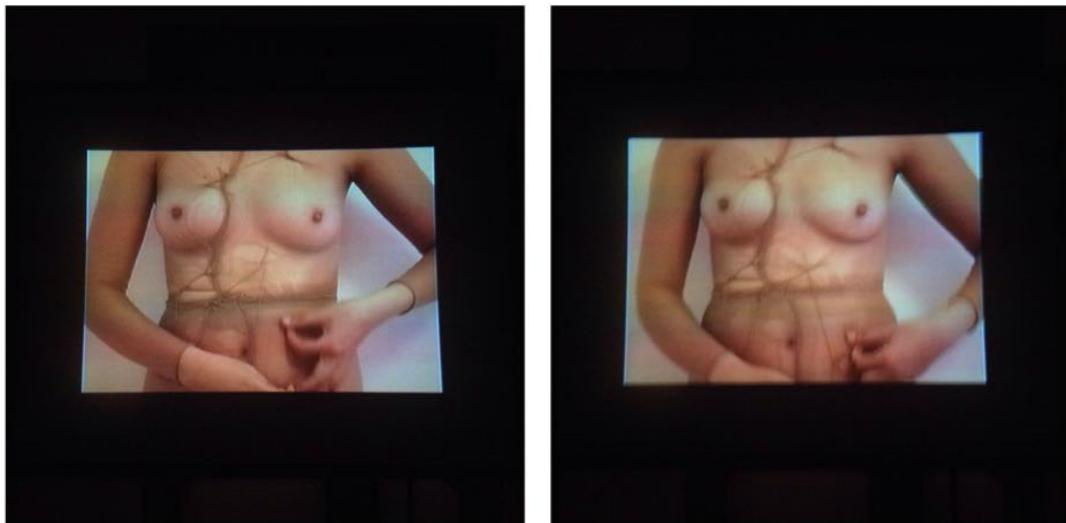
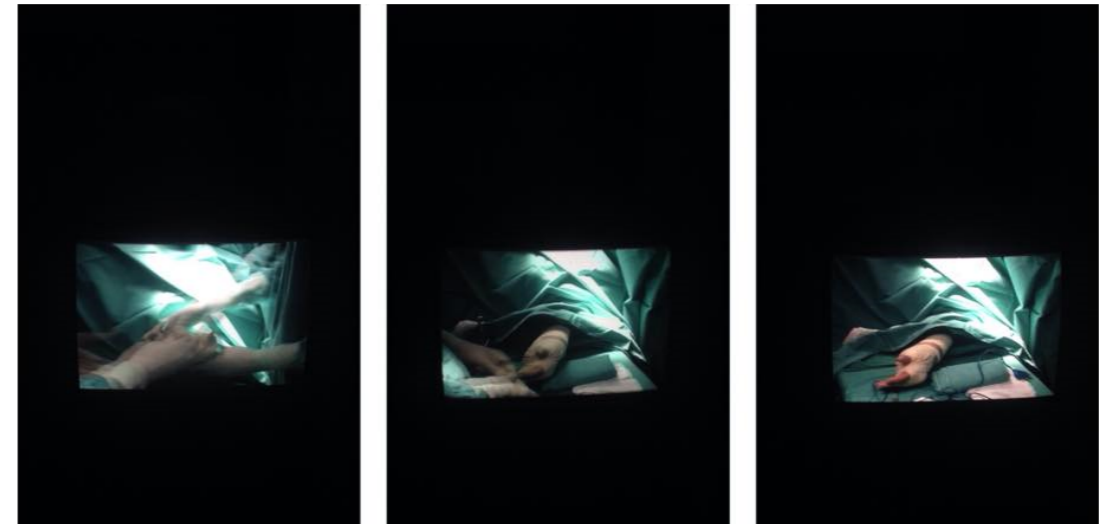
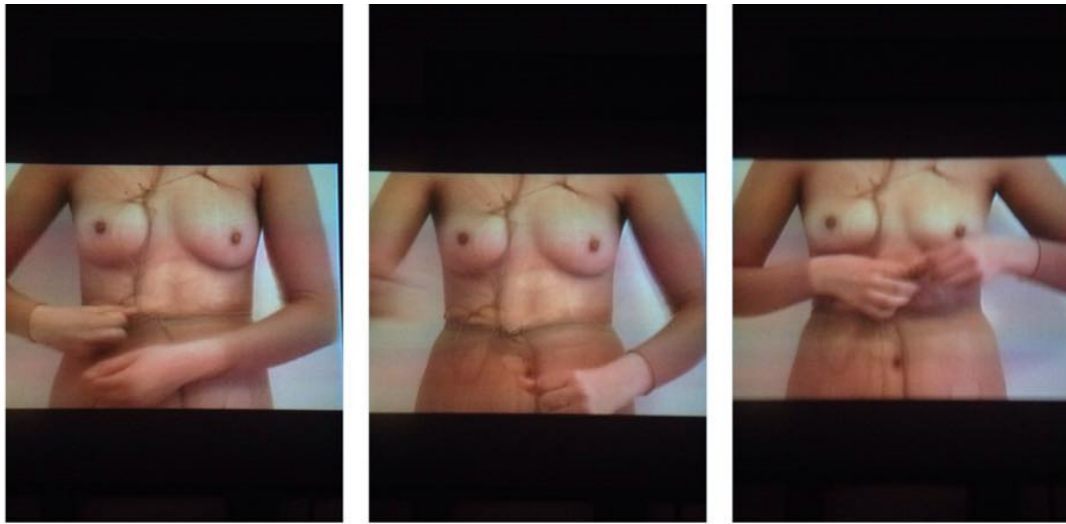
E todos os olhares sobrevivem quando inclinados por sobre a carne que se dilacerou para mostrar as entranhas, os ossos, os músculos e o interior da pele revertida em panos crus.



Lorena Amorós. The Viewing. Vídeo-instalação em Looping, 19' (pormenor). 2008

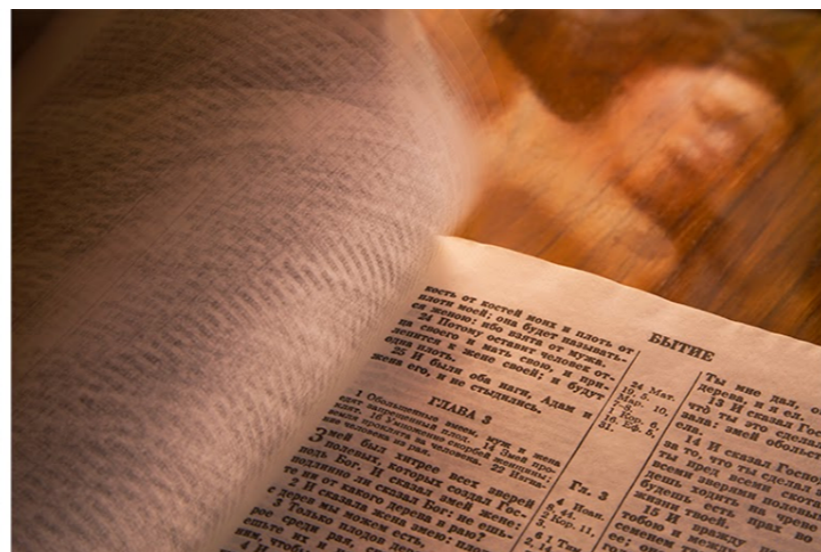


E todos os olhares sobrevivem quando inclinados por sobre a carne que se dilacerou para mostrar as entranhas, os ossos, os músculos e o interior da pele revertida em panos crus.



Marta Martinha. *Pele II*. Vídeo em Looping, 5'08 (sequência de frames). 2000.

Jorge Simões. *Crafsam*. Vídeo HD, Cor, Som, 5'00 (sequência de frames). 2015.



José Carlos Nascimento. *Sem Título*. Jacto de Tinta. 2015.

O corpo desmembrado viaja, no segundo nível do Teatro Anatómico, no gélido, obscuro, decoroso e solitário caminho da morte para a vida, encaixando noutros corpos, perdurando neles, procurando neles as vidas que se lhes escapam e, agarrando-as, nelas se reconverte como um limbo que passa a céu. O segundo nível da teatralidade anatómica corresponde, efectivamente, ao momento em que a (minha) morte concebe (a tua) vida, possibilitando-a através do conhecimento dos meandros da anatomia que permite solucionar os danos que o corpo-máquina possa sofrer. Neste sentido, o Teatro Anatómico permite saber sobre o corpo-máquina, mantendo-o enquanto corpo-função.

O terceiro nível de teatralidade anatómica pesquisa sobre o trans-corpo, a trans-humanidade, o futuro corpo, que a ciência vem fabricando através dos pedaços dos corpos que, desmembrados, se unem para criar a nova substância que acompanha a nova circunstância vivente de todos os corpos que se movem no palco do século XXI, emergindo das profícuas e tão fecundas extensões tecnológicas

que transformam todos os rituais de vida numa disposição ainda por conhecer com segurança, por definir e nomear.

Futuramente, consubstanciaremos novos corpos que agirão sobre e através de novos teatros anatómicos. Este terceiro nível de teatralidade anatómica trans-humana, ainda por decifrar, abre-se a enormes e incandescentes inquéritos que aos artistas, tanto quanto aos cientistas, se impõem. E activar, ou melhorar, determinadas capacidades humanas, fechando os buracos do corpo que se esvai, morrendo, atingirá o eixo da nossa própria circunstância. Do homem-carne ao trans-homem se faz o caminho do Ser, ao objecto do desejo de ser-se para além da frágil condição de humanidade, ou ao desfecho do humano.

E tudo quanto o Homem descobre e

cria acabará

por desfazer-lhe

a capacidade de chorar.

Consulte o site

<http://ceaacp.uc.pt/>

para mais informação sobre as atividades do
CEAACP

